

EDUCAÇÃO LGBTQIA+: DESAFIOS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LGBTQIA+ EDUCATION: CHALLENGES FOR CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

EDUCACIÓN LGBTQIA+: RETOS PARA LOS NIÑOS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

Recebido: 15/07/2023 | Revisado: 28/07/2023 | Aceitado: 29/07/2023 | Publicado: 01/08/2023

Livia Barbosa Pacheco Souza

Universidade da Integração Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil
E-mail: adm.liviapacheco@gmail.com

Resumo

A ausência de comunidade ou apoio, preparação inadequada, conhecimento limitado de recursos e má compreensão das obrigações e oportunidades profissionais, tudo isso prejudica professores, crianças e famílias, mesmo sem a repressão ativa associada à homofobia e à discriminação legal/religiosa. A literatura emergiu que fornece alguma esperança, bem como evidência tanto dos benefícios potenciais de várias práticas de apoio quanto do dano de não empregá-las no campo da educação em primeira infância (PI). Além disso, a literatura sobre os efeitos devastadores do isolamento, opressão, assédio e bullying de pessoas LGBTQ+ é extensa. O objetivo deste artigo é identificar as dimensões da educação da primeira infância com potencial de impacto direto e positivo na vida das pessoas LGBTQ+, e considerar como seria uma estrutura abrangente de preparação de educadores PI que as aborde. As áreas de prática mais discutidas na literatura relacionadas à justiça social LGBTQ+ se enquadram em três categorias gerais: acolher e incluir famílias lideradas por LGBTQ+; abordar o preconceito de gênero e permitir a agência e a criatividade de gênero; e incorporar a justiça social no currículo da PI. Cada educador de PI carrega a responsabilidade profissional de promover a equidade e uma oportunidade única para fazê-lo. Existe a necessidade de uma visão de justiça social LGBTQ+ completa na formação de professores de PI. As dimensões da prática e dos recursos compartilhados aqui refletem as tentativas de educadores de todo o mundo de aumentar a inclusão, melhorar o conhecimento e as habilidades, reduzir a hesitação ou o medo e construir comunidade e apoio.

Palavras-chave: Educação. LGBTQ+. Primeira infância. Professores.

Abstract

Lack of community or support, inadequate preparation, limited knowledge of resources, and misunderstanding of professional obligations and opportunities all harm teachers, children, and families, even without the active crackdown associated with homophobia and legal/religious discrimination. Literature has emerged that provides some hope, as well as evidence of both the potential benefits of various supportive practices and the harm of not employing them in the field of early childhood education (EC). Furthermore, the literature on the devastating effects of isolation, oppression, harassment and bullying of LGBTQ+ people is extensive. The purpose of this article is to identify dimensions of early childhood education that have the potential to have a direct and positive impact on the lives of LGBTQ+ people, and to consider what a comprehensive framework for preparing IP educators to address would look like. The practice areas most discussed in the literature related to LGBTQ+ social justice fall into three general categories: welcoming and including LGBTQ-led families; addressing gender bias and enabling gender agency and creativity; and incorporating social justice into the IP curriculum. Each IP educator carries a professional responsibility to promote equity and a unique opportunity to do so. There is a need for a full LGBTQ+ social justice vision in IP teacher education. The dimensions of practice and resources shared here reflect attempts by educators around the world to increase inclusion, improve knowledge and skills, reduce hesitation or fear, and build community and support.

Keywords: Education. LGBTQ+. Early childhood. Teachers.

Resumen

La falta de comunidad o apoyo, la preparación inadecuada, el conocimiento limitado de los recursos y la incomprensión de las obligaciones y oportunidades profesionales perjudican a los maestros, los niños y las familias, incluso sin la represión activa asociada con la homofobia y la discriminación legal/religiosa. Ha surgido literatura que brinda cierta esperanza, así como evidencia tanto de los beneficios potenciales de varias prácticas

de apoio como del daño de no emplearlas en el campo de la educación infantil (AE). Además, la literatura sobre los efectos devastadores del aislamiento, la opresión, el acoso y la intimidación de las personas LGBT+ es extensa. El propósito de este artículo es identificar las dimensiones de la educación de la primera infancia que tienen el potencial de tener un impacto directo y positivo en las vidas de las personas LGBT+, y considerar cómo sería un marco integral para preparar a los educadores de PI. Las áreas de práctica más discutidas en la literatura relacionada con la justicia social LGBT+ se dividen en tres categorías generales: dar la bienvenida e incluir a las familias lideradas por LGBT; abordar el sesgo de género y permitir la agencia y la creatividad de género; e incorporar la justicia social en el plan de estudios de PI. Cada educador de PI tiene la responsabilidad profesional de promover la equidad y una oportunidad única para hacerlo. Existe la necesidad de una visión completa de justicia social LGBT+ en la formación de profesores de PI. Las dimensiones de la práctica y los recursos compartidos aquí reflejan los intentos de los educadores de todo el mundo por aumentar la inclusión, mejorar el conocimiento y las habilidades, reducir la vacilación o el miedo, y construir comunidad y apoyo.

Palabras clave: Educación. LGBTQ+. Niñez temprana. Maestros

1. Introdução

Duas décadas no século 21, os educadores de pré-serviço lutam para discutir abertamente e integrar práticas relacionadas a gênero, identidades sociais, famílias lideradas por LGBT e currículo inclusivo. Os professores sentem preocupação ou medo do que acontecerá com eles se incluírem livros nas bibliotecas de suas salas de aula que incluam pais do mesmo sexo, mesmo quando as crianças nessas salas de aula são membros de famílias lideradas por LGBT. Na literatura que examina as percepções dos professores, os participantes debatem práticas que apresentam o nível mais básico de representação ou cuidado.

As pessoas LGBT+ ainda se preocupam com as consequências de viver autenticamente enquanto procuram emprego como educadores e trabalham para garantir a educação e cuidar de seus próprios filhos pequenos. Estes estão entre os desafios em contextos onde a injustiça é a norma. A ausência de comunidade ou apoio, preparação inadequada, conhecimento limitado de recursos e má compreensão das obrigações e oportunidades profissionais, tudo isso prejudica professores, crianças e famílias, mesmo sem a repressão ativa associada à homofobia e à discriminação legal/religiosa.

A literatura emergiu que fornece alguma esperança, bem como evidência tanto dos benefícios potenciais de várias práticas de apoio quanto do dano de não empregá-las no campo da educação em primeira infância (PI). Além disso, a literatura sobre os efeitos devastadores do isolamento, opressão, assédio e bullying de pessoas LGBT+ é extensa. O objetivo deste artigo é identificar as dimensões da educação na primeira infância com potencial de impacto direto e positivo na vida das pessoas LGBT+, e considerar como seria uma estrutura abrangente de preparação de educadores PI que as aborde. Em outras palavras: quais áreas e práticas o campo da formação de professores de PI precisa considerar para construir uma mudança sistêmica?

A justiça social é definida neste capítulo como direitos e oportunidades educacionais iguais para pessoas LGBT+ e as mudanças em nível individual e sistêmico necessárias para garantir apoio e resultados ideais para educadores, crianças e famílias.

2. Revisão Bibliográfica

Os direitos LGBT são protegidos e isso inclui o reconhecimento de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e proteção contra discriminação no emprego; no entanto, os países variam significativamente em relação a outros direitos e proteções, muitos dos quais estão sob contínua ameaça. Como resultado, as experiências (incluindo estressores, barreiras e os efeitos da discriminação) de pessoas LGBT+ que decidem ser pais também variam tremendamente.

Milhões de crianças são criadas e cuidadas em famílias lideradas por pais LGBT+; essas famílias incluem quase metade das lésbicas e mais de 20% dos homens gays com menos de 50 anos. Famílias com pais LGBT+ existem em todas as configurações familiares – cônjuges casados, pais separados ou divorciados, famílias mistas, famílias lideradas por membros da família extensa e famílias monoparentais.

A paternidade LGBT+ é alcançada por meio de adoção, inseminação alternativa ou outros meios. Os pais LGBT+ enfrentam escrutínio e oposição enraizados na homofobia e em crenças religiosas discriminatórias. Pesquisas sobre famílias lideradas por lésbicas e gays mostraram qualidade de relacionamento entre pais e filhos e resultados de desenvolvimento semelhantes aos de famílias não lideradas por LGBT. A orientação dos pais também mostrou não prever a orientação das crianças, identidade de gênero ou a probabilidade de abuso ou negligência. Tais famílias demonstram resiliência e são fortalecidas por vínculos amorosos; as únicas fontes únicas de estresse que enfrentam tendem a ser discriminação, assédio e intimidação por indivíduos não-LGBT.

Em 2021, esses problemas continuam a ameaçar a saúde e o bem-estar dessas famílias; na verdade, os crimes de ódio aumentaram recentemente em muitos países. Como as famílias lideradas por LGBT interagem regularmente com educadores da PI e seus filhos são contados entre aqueles que recebem educação infantil e pré-escolar.

A visibilidade de pessoas trans e de gênero diverso foi recebida com um aumento de ações discriminatórias e tentativas organizadas de desumanizá-las. As consequências para os indivíduos que não se conformam com concepções binárias estreitas de gênero são devastadoras.

É claro que todas as crianças pequenas exploram e aprendem sobre gênero, independentemente de suas características genéticas ou físicas. Durante a primeira infância, a masculinidade e a feminilidade são retratadas para eles de várias maneiras, e eles aprendem o que significa se identificar como homem ou mulher por meio dos modelos disponíveis, valores transmitidos, ensino e encorajamento e desencorajamento de adultos e colegas.

A vitimização de crianças cuja brincadeira, vestimenta, estilo de interação ou escolha de parceiros de brincadeira se desviam das expectativas desse binário de gênero já está em pleno vigor quando as crianças atingem a idade de 5 a 6 anos, quando a pesquisa identificou que elas já sofreram provocações, correção e redirecionamento de suas escolhas de jogo e outros comportamentos de falta de apoio que levam à vergonha, ocultação de sua identidade emergente, retraimento ou até agressão.

Essas crianças se beneficiam de leis mais amplas e políticas locais que respeitam sua agência para definir seu gênero e garantir que estejam seguras e protegidas na escola. Crianças que não se encaixam no binário de gênero são vulneráveis a assédio verbal e agressão física e sexual. Eles se beneficiam de fortes relações professor-criança e ambientes de aprendizagem de apoio que incentivam o desenvolvimento da autoconsciência, promovem a aceitação e combatem o desenvolvimento de preconceitos e normas rígidas de gênero. As práticas que atingem esses objetivos não são bem compreendidas e raramente utilizadas na educação infantil. Existe uma grande necessidade de professores em exercício e em formação para entender melhor e implementar estratégias de ensino de apoio e preventivas.

O número de professores abertamente LGBT+ é pequeno, não há estatísticas conhecidas sobre o número de adultos trans e pessoas não-conformes de gênero que trabalham nas escolas.

Embora as condições gerais (incluindo proteção ao emprego e percepção pública) tenham melhorado para os educadores LGBT+, as condições são altamente variáveis entre os estados. Equívocos, isolamento e invisibilidade ainda são enfrentados pela maioria dos educadores LGBT+. Mesmo nas melhores circunstâncias, a oposição dos

pais ou da comunidade ou mesmo o assédio continuam sendo preocupações legítimas para os educadores.

Educadores de PI pré-serviço também expressaram preocupação com questões como serem aceitos em suas experiências de campo, testemunhar ou vivenciar homofobia não controlada, equívocos sobre homens (particularmente gays) que ingressam no campo de PI, os desafios da interseccionalidade (como experiências de dupla discriminação para sendo negros e gays), e como/se a identidade deve surgir à medida que se aproximam da formatura e entram no campo.

Para alguns educadores LGBTQ+, assumir-se é um privilégio que não lhes é concedido, e para outros não é possível permanecer invisível. Experimentar consequências negativas para essas decisões forçadas é inaceitável. Como a maioria dos educadores da PI, os educadores LGBTQ+ da PI buscam conexão humana, oportunidades de colaboração e entram nesse campo para causar um impacto positivo na vida de crianças pequenas e suas famílias. A maioria deles carece de apoio crítico, preparação ou mesmo um reconhecimento de sua necessidade de comunidade, modelos e liberdade para existir autenticamente em suas vidas profissionais.

Os modelos e práticas de formação de professores que apoiam os objetivos da justiça social LGBTQ+ não foram amplamente estudados. Os professores em formação têm exposição mínima a experiências de aprendizagem significativas que apoiem o desenvolvimento dessas habilidades ou a implementação de práticas. Ainda assim, os formuladores de políticas e organizações profissionais nas áreas relacionadas à educação da PI responderam às necessidades descritas nas seções anteriores deste capítulo.

A educação PI é citada em vários campos profissionais como um contexto profissional crítico onde as bases e os efeitos negativos do racismo, sexismo e homofobia estão enraizados, cimentando um vínculo firme entre o papel dos educadores da primeira infância e não apenas os direitos dos indivíduos LGBTQ+, mas suas bem-estar, identidades positivas e proteção contra danos.

As questões de justiça social não afetam apenas a educação da PI em seus contextos educacionais e sociais mais amplos, mas surgem dentro das próprias escolas e centros de PI quando: a) negligência, apagamento ou discriminação contra famílias lideradas por LGBTQ+ com crianças pequenas é evidente e permitida; b) normas rígidas de gênero são mantidas nas salas de aula do PI em oposição às necessidades de desenvolvimento de crianças pequenas que não se apresentam como estereotipicamente masculinas ou femininas; c) as identidades das crianças são silenciadas, punidas ou ignoradas; d) os educadores estão sujeitos a julgamentos negativos ou discriminação devido à sua orientação ou identidade.

O problema existente da inadimplência das práticas heteronormativas na PI está enraizado tanto em pressupostos de heterossexualidade, patologizando ou apagando outros grupos, quanto nos maus-tratos daqueles que não são heterossexuais, percebidos como LGBTQ+, ou que os heterossexuais temem que se tornem LGBTQ+. Agravando esse dano é a persistência por parte dos heterossexuais em equiparar os professores que abordam as necessidades LGBTQ+ com a introdução do tema da atividade sexual para as crianças.

Esse equívoco alimentou o medo e a resistência em apoiar crianças e famílias, aumentou a ansiedade e reforçou o isolamento dos educadores LGBTQ+, manteve a confusão e a hesitação em relação às práticas de ensino adequadas ao desenvolvimento e inibiu o progresso desse campo. Infelizmente, pesquisas sobre percepções de pessoas LGBTQ+ (incluindo educadores) continuam a reforçar ou mesmo legitimar esse equívoco. Por exemplo, as pesquisas podem fazer perguntas aos entrevistados sobre suas opiniões sobre casamento, família e filhos em famílias LGBTQ+ juntamente com perguntas sobre relações sexuais entre gays e lésbicas. Isso normaliza a ideia de que escrutinar o comportamento sexual dos pais é um direito dos educadores e de alguma forma relevante para

respeitar os direitos das famílias lideradas por LGBT+ ou atender às necessidades de seus filhos – uma noção horrível impensável para pais heterossexuais.

A desconexão entre o que se sabe sobre o desenvolvimento infantil e a prática dos educadores, é claro, não é exclusiva das questões LGBT+. Mesmo em publicações focadas no racismo, frequentemente há espaço para a preocupação de que tópicos “sensíveis” como raça sejam muito complexos ou perturbadores para crianças pequenas aprenderem explicitamente.

Há pouca evidência para sugerir que os adultos devam se preocupar com os danos associados à introdução precoce desses tópicos; na verdade, é de maior preocupação quando eles são ignorados. Há muito que os educadores da PI devem transcender noções mais antigas e abstratas de inclusão e trabalhar para reformular a educação da CE como um contexto essencial para práticas de apoio LGBT+ baseadas em ativos que melhorem (em vez de prejudicar) a vida de crianças, famílias e educadores.

As áreas de prática mais discutidas na literatura relacionadas à justiça social LGBT+ se enquadram em três categorias gerais: acolher e incluir famílias lideradas por LGBT; abordar o preconceito de gênero e permitir a agência e a criatividade de gênero; e incorporar a justiça social no currículo da PI. Nas seções a seguir, exemplos dessas áreas de prática são compartilhados com o objetivo de identificar alguns dos conhecimentos e habilidades que os formadores de professores de PI devem considerar ao projetar experiências de preparação para futuros educadores. Estas consistem em práticas que têm sido recomendadas e/ou avaliadas na literatura sobre educação da PI, bem como nas políticas e publicações de organizações voltadas para a educação de crianças pequenas.

Os educadores da PI devem:

- reconhecer as realidades das famílias lideradas por LGBT como questões críticas do desenvolvimento da PI, em vez de questões sociais exclusivamente adultas
- compreender e prevenir consequências negativas (para crianças e famílias) associadas ao apagamento, silenciamento, vergonha e/ou ostracismo
- reconhecer e valorizar a importância de conhecer, colaborar e apoiar famílias lideradas por LGBT+
- incluir totalmente famílias lideradas por LGBT+ em programas, salas de aula e currículo
- ensinar com uma lente baseada em ativos em diversas estruturas familiares
- trabalhar dentro de diversas estruturas familiares para identificar materiais, atividades de aprendizagem e práticas apropriadas ao desenvolvimento

As práticas para responder à diversidade familiar são as mais prevalentes em toda a literatura sobre questões LGBT+ na educação da PI. Uma razão potencial para isso é a ampla relevância dessas práticas em todo o contínuo de desenvolvimento desde o nascimento até os cinco anos de idade e entre funções, modelos de programas e sistemas.

As práticas centradas na família são essenciais para atender às necessidades das famílias lideradas por LGBT+ porque o próprio envolvimento da família é essencial para o sucesso da educação e intervenção colaborativa para crianças pequenas. Essas práticas estão enraizadas em duas preocupações: primeiro, garantir que as famílias lideradas por LGBT+ sintam que são membros valiosos da comunidade do programa de educação da primeira infância de seus filhos; e segundo, o desejo de que as crianças dessas famílias comecem suas experiências escolares com um sentimento de orgulho familiar.

À medida que os formadores de professores consideram a melhor forma de abordar o ensino dessas práticas, é

necessária uma lente crítica sobre essas práticas para preencher a lacuna entre a preparação para a prática. As adaptações e a capacidade de resposta às configurações e necessidades individuais devem ser enfatizadas, bem como estratégias para apoiar os entendimentos emergentes das crianças à medida que elas começam a se desenvolver.

As famílias variam muito no que consideram acolhedor e inclusivo. Enquanto um mero símbolo (como uma bandeira de arco-íris) pode ser poderosamente acolhedor para algumas famílias, para muitas outras, a inclusão está enraizada na confiança que deve ser conquistada. Esta pode ser uma ideia desafiadora para os professores de formação inicial lidarem com a entrada em programas de preparação potencialmente com suposições de que as crianças e as famílias responderão imediatamente de forma positiva às suas boas intenções. A centralização na família exige que os educadores permitam e encorajem as próprias famílias a decidir se elas se sentem bem-vindas ou incluídas, em vez de assumir que uma prática ou política em si é inerentemente acolhedora ou inclusiva.

Os educadores da PI podem afirmar a vida familiar das crianças criando um ambiente de sala de aula que represente positivamente as experiências e estruturas das famílias. Os educadores reconhecem e aceitam a composição familiar que cada família define. A representação está enraizada nesse reconhecimento e assume muitas formas, incluindo a representação visual básica, em que as fotos das famílias das crianças são incluídas na sala de aula da PI como forma de facilitar a separação, fornecer uma base para a conversa e aumentar a conscientização das crianças sobre o espectro da vida humana. diferenças e relacionamentos.

Como alternativa, cartazes em sala de aula ou outros displays também podem retratar essa diversidade. Os professores podem incluir famílias com pequenas mudanças na redação das músicas e nos dedilhados. Os educadores devem estar preparados para responder às perguntas das crianças sobre as estruturas familiares, para modelar a curiosidade genuína e a aceitação das diferenças, e apresentar uma definição inclusiva de famílias e as várias maneiras pelas quais elas são formadas. Os educadores da PI também devem definir expectativas sobre o que é um tratamento aceitável e inaceitável de crianças em famílias lideradas por LGBTQ+ por colegas e outros adultos. Tais competências são fundamentais para combater a hesitação decorrente da ignorância e do medo, e o consequente apagamento dessas famílias.

A literatura serve como uma ferramenta poderosa para aumentar a representação da família nas salas de aula de PI. É crucial, no entanto, que ao preparar professores em formação para selecionar textos para suas salas de aula da primeira infância, os formadores de professores se esforcem para abordar a representação não como um objetivo estático, mas como um fenômeno complexo.

Embora os educadores da PI devam manter uma lente de ativos ao trabalhar com as famílias, o apoio às famílias lideradas por LGBTQ+ também pode exigir uma compreensão das maneiras pelas quais a discriminação, provocações e bullying os afetaram. Os educadores necessitam de uma preparação direcionada e intensiva para entender como desenvolver e agir com o compromisso de quebrar esses padrões.

Os papéis dos educadores da PI incluem apoiar crianças que foram provocadas, criar uma comunidade de apoio na sala de aula, conectar famílias lideradas por LGBTQ+ com recursos (ou aqueles que podem fornecê-los) e servir como uma voz de mudança quando necessário em seus programas/escolas. Os professores de PI também devem estar preparados para criar oportunidades de diálogo aberto com os pais, incluindo escuta sem julgamento e resolução de problemas nos casos em que os pais/cuidadores possam se sentir excluídos ou incompreendidos. Essas conversas exigem diálogo hábil no qual os educadores procuram entender e refletir (ouvir ativamente,

investigar mais, valorizar as opiniões dos pais/cuidadores, comprometer-se com a resolução colaborativa de problemas). Uma postura reflexiva, vontade de revelar/refletir/reduzir preconceitos, abertura ao feedback e autoconsciência profissional são todos necessários para desenvolver habilidades que constroem e aprofundam as relações entre educadores e famílias.

Mesmo quando seus filhos estão matriculados em programas de educação da PI, os pais LGBTQ+ ainda podem se sentir isolados, ou talvez tenham dificuldades para saber se/quando devem se assumir para professores ou outros pais. Os educadores que desejam que os pais se sintam bem-vindos podem perguntar se esses pais se sentiriam à vontade para participar de um evento familiar planejado, sem perceber que essa pergunta contém uma mensagem subjacente de que a família não deve se sentir à vontade. Mesmo quando os pais se sentem acolhidos e incluídos, eles podem enfrentar desafios no relacionamento com outros pais.

Com o tempo, à medida que os educadores desenvolvem relacionamentos com outras famílias, eles podem participar de redes informais de apoio para pais que não conhecem outros que passaram por jornadas semelhantes. Isso pode ser útil se um pai/mãe LGBTQ+ for o único pai/cuidador em uma classe ou um de muitos.

O recurso mais citado sobre a incorporação dos objetivos da justiça social nos programas de educação da PI é Educação anti-preconceito. Um princípio básico dessa abordagem é que o preconceito é aprendido. Desde os primeiros dias de vida, as crianças recebem mensagens sobre sua própria identidade e a identidade dos outros. Essas mensagens são muitas vezes sutis e aprendidas inconscientemente – da família, amigos, escola e mídia – mas podem ter um impacto duradouro em sua autoimagem e visão de mundo.

Uma das maneiras pelas quais os educadores da PI têm procurado traduzir os princípios anti-preconceito em ação na pré-escola é através do aprimoramento do currículo para enfatizar a justiça social. Essencialmente, isso envolve o uso de uma lente anti-preconceito para avaliar e adaptar a prática existente para refletir uma conceituação particular de justiça social.

O currículo de justiça social tem sido amplamente aplicado a ambientes pré-escolares (em vez de nascimento a três), dentro dos quais o currículo é reconceituado para adotar uma visão inclusiva da diversidade humana, abordar a injustiça ou injustiça na sala de aula por meio de abordagens de resolução de problemas para conflitos, introduzir conversas sobre semelhanças/diferenças, exclusão e apoiar as crianças no desenvolvimento de uma compreensão da empatia. Esses modelos abordam responsabilidade social, engajamento com a comunidade do entorno e resolução de problemas por meio de projetos exploratórios integrados ou unidades com foco em temas como questões de saúde ou escassez de alimentos. Eles apoiam o objetivo de inclusão por meio da incorporação de linguagem inclusiva, discussões abertas sobre temas como identidade de gênero e o empoderamento de famílias lideradas por LGBTQ+ por meio de práticas de acolhimento, apoio de pais/cuidadores e grupos de afinidade.

A suposição de que os professores não LGBTQ+ refletirão e mudarão suas práticas se baseia em sua vontade, experiência, apoio e senso de comunidade. As evidências identificaram repetidamente o medo e o desconforto dos professores em abordar questões LGBTQ+. É improvável que os professores desenvolvam uma consciência de seus preconceitos e se transformem em defensores da justiça social, a menos que tenham sido especificamente preparados para encontrar, construir e contribuir para sistemas que desafiem a prática heteronormativa, excludente e tendenciosa. A preparação do educador deve desenvolver essas habilidades e oferecer oportunidades para aplicá-las e refletir sobre elas, além de criar espaços seguros e comunidades de apoio.

Alguns programas de formação de professores incorporaram práticas de apoio, como abordar atitudes negativas e

estigma, fornecer treinamento em diversidade e incluir práticas de advocacia para estudantes e famílias LGBTQ+. No entanto, a formação de professores de PI caracteriza-se por uma falta de preparação abrangente e coesa nestas áreas de prática.

Para educadores em formação e praticantes de PI interessados e comprometidos com a ação, o desenvolvimento profissional limitado está disponível. Exceto quando os programas de PI oferecem oportunidades de colaboração em torno de questões de justiça social (como grupos de afinidade dedicados à equidade LGBTQ+), cabe aos professores individualmente descobrir por si mesmos como proceder. A integração de novos conhecimentos e práticas exige que os professores colaborem para planejar, aprender e refletir sobre seu trabalho em sua jornada para o desenvolvimento de conhecimentos.

A experiência de ensino é construída de maneira mais eficaz por meio de experiências e interações autênticas. A construção de experiências de aprendizado intensificadas e intencionais baseadas em campo tem sido repetidamente identificada como uma estratégia-chave para preparar educadores pré-serviço para entrar em campo com a resiliência, o conhecimento e as habilidades necessárias para atender a diversas crianças, famílias e comunidades.

Modelos que enfatizam essas experiências são vistos como autênticos e de maior valor pelos educadores-parceiros. A formação de professores tem, há anos, mudado o foco da preparação universitária de professores individuais com o objetivo de colocação e retenção nas escolas para uma preparação autêntica de professores engajados com impacto ampliado nas crianças, famílias e comunidades.

Os programas de formação de professores baseados em campo transcendem a noção de simplesmente adicionar horas no campo por meio de oportunidades de aprendizado baseadas em resultados projetadas e sequenciadas para que os alunos trabalhem ao lado de professores em exercício e professores de formação de professores durante toda a sua preparação, com oportunidades para desenvolver habilidades de ensino sob sua supervisão colaborativa.

Esses modelos são baseados em parcerias mutuamente benéficas entre organizações comunitárias, escolas e programas de formação de professores. Com oportunidades de crescimento por meio de experiências autênticas e feedback e reflexão contínuos, esses modelos são muito mais propensos a fornecer os tipos de experiências de campo necessárias para apoiar práticas complexas e desafiadoras. Os resultados demonstraram a eficácia inicial dos modelos baseados em campo para atender às necessidades dos alunos e parceiros da comunidade.

- Práticas de apoio à justiça social LGBTQ+ em modelos de formação de professores baseados em campo.

Dentro de cada um desses tipos de experiências, os formadores de professores de primeira infância devem ter como objetivo atingir quatro objetivos inter-relacionados: 1) desafiar preconceitos, preconceitos, complacência e o mito da “neutralidade” no ensino; 2) construir conhecimento; 3) aprofundar a empatia e o compromisso com a mudança e 4) praticar a aplicação de habilidades emergentes em ambientes onde crianças e famílias são atendidas. O corpo docente de formação de professores também pode revisar as seis perguntas sobre práticas anti-preconceitos dentro de cada área e em pontos críticos ao longo do continuum de preparação.

3. Considerações Finais

O apoio às famílias e a programação/intervenção centrada na família são fundamentais para a identidade profissional dos educadores de PI. Como campo, no entanto, a educação da PI (incluindo a formação de

professores) falhou em reconhecer, identificar ou abordar completamente as necessidades das famílias LGBTQ+ e crianças com diversidade de gênero.

O campo continua a manter uma posição de aceitação implícita em relação ao preconceito e ao preconceito, ao mesmo tempo em que reconhece que eles causam danos. A injustiça também continua em relação aos educadores LGBTQ+, que não foram suficientemente apoiados ou protegidos da discriminação contínua e da persistência de equívocos sobre suas identidades.

Cada educador de PI carrega a responsabilidade profissional de promover a equidade e uma oportunidade única para fazê-lo. Existe a necessidade de uma visão de justiça social LGBTQ+ completa na formação de professores de PI. As dimensões da prática e dos recursos compartilhados aqui refletem as tentativas de educadores de todo o mundo de aumentar a inclusão, melhorar o conhecimento e as habilidades, reduzir a hesitação ou o medo e construir comunidade e apoio.

Esses temas são críticos para abordar lacunas graves na preparação de educadores que prejudicam a justiça social para pessoas LGBTQ+. O exame abrangente e o redesenho das atividades de formação de professores da PI é um passo crítico para maximizar as oportunidades e mitigar os danos aos professores LGBTQ+, crianças com diversidade de gênero e famílias lideradas por LGBTQ, para que a equidade seja imaginada e alcançada nas décadas restantes deste século.

Referências

- KINTNER-DUFFY, V. et al. Os transformadores e os mudados: Preparando professores da primeira infância para trabalhar com famílias de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. *Revista de Formação de Professores da Primeira Infância*. 2012:33:208-23.
- LONGLEY, J. Abraçando a equipe LGBTQIA+ em programas para a primeira infância. *Crianças pequenas*. 2020:75:66-73
- HORTON, C. Prosperando ou sobrevivendo? Aumentando nossa ambição para crianças trans nas escolas primárias e secundárias. *Fronteiras em Sociologia*. 2020:5:1-18.
- WRIGHT, T. Sobre se assumir na prática: uma autoetnografia de (não) divulgação. *Revista de Formação de Professores da Primeira Infância*. 2016:37:189-202.
- PEIXOTO DA SILVA, P. Apoio a famílias gays e lésbicas na sala de aula da primeira infância. *Crianças pequenas*. 2014:69:40-44
- AVERETT, P.; HEGDE, A.; SMITH, J. Pais lésbicas e gays em ambientes de primeira infância: Uma revisão sistemática da literatura de pesquisa. *Jornal de Pesquisa da Primeira Infância*. 2-17:15:34-46.
- DERMAN-SPARKS, L.; OLSEN EDWARDS, J. Educação anti-viés para crianças pequenas e nós mesmos (Naeyc) 2ª ed. Washington, DC: Associação Nacional de Educação de Crianças Pequenas
- BENAVIDES, V. et al. Nunca muito jovem para defender uma causa. *Crianças pequenas*. 2020:75:14-19
- FAST, A.; OLSON, K. "Desenvolvimento de gênero em crianças pré-escolares transgêneros". *Desenvolvimento Infantil*/2018:89:620-37.
- KROEGER, J.; RECKER, A.; GUNN, A. Nate e o casaco rosa: Explorando gênero e promulgando princípios anti-viés. *Crianças pequenas*. 2019:74:83-91

- PASTEL, E. et al.(2019)Apoiando a diversidade de gênero nas salas de aula da primeira infância: um guia prático. Londres: Jessica Kingsley; 2020. 222p
- SCHAEFFER, K. Orientação prática para professores: Apoiando as famílias de crianças não conformes de gênero. Crianças pequenas. 2019:74:91-93
- KING, J. A (im)possibilidade de professores gays para crianças pequenas. Teoria em Prática. 2004:43:122-127.
- KUH, L. et al. Indo além das atividades anti-preconceito: apoiando o desenvolvimento de práticas anti-preconceito. Crianças pequenas. 2016:71:58-71
- RUST, F. Moldando novos modelos para a formação de professores. Formação de Professores Trimestral 2010:37:5-18
- RYAN, A. et al. Ensinando, Aprendendo e Liderando com Escolas e Comunidades: Uma universidade urbana revê a preparação de professores para a próxima geração. Questões na Formação de Professores 2014:22:139-153
- KENNEDY, A., & HEINEKE, A. Revisitando o papel das universidades na formação de professores da primeira infância: Parcerias comunitárias para a aprendizagem do século XXI. Revista de Formação de Professores da Primeira Infância. 2014:35:226-43.
- MCDONALD, M. et al. Inovação e impacto na formação de professores: organizações comunitárias como estágios de campo para professores em formação. Registro do Colégio de Professores. 2011:113:1668-1700.
- Kennedy, A. S. . Fundamentos para a Promoção da Justiça Social LGBTQ+ por meio da Formação de Professores da Primeira Infância. Formação de Professores no Século XXI - Competências Emergentes para um Mundo em Mudança. Londres: IntechOpen; 2021